



Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmiento

EXTRACTOS DA CORRESPONDÊNCIA DE FRANCISCO MARTINS SARMENTO (1881-1883).

VASCONCELOS, José Leite de

Ano: 1900 | Número: 17a

Como citar este documento:

VASCONCELOS, José Leite de, Extractos da correspondência de Francisco Martins Sarmiento (1881-1883). *Revista de Guimarães*, Volume especial, 1900, p. 83-96.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmiento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt
URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

EXTRACTOS DA CORRESPONDENCIA

DE

F. MARTINS SARMENTO

(1881-1883)

Como mantive em tempo correspondencia aturada com F. Martins Sarmiento, possuo d'elle grande número de cartas.

D'entre ellas escolho, por serem as que tenho mais á mão, as que abrangem o periodo de 1881 a 1883, para d'ahi extractar algumas noticias que dizem respeito á vida scientifica do benemerito archeologo, cujo passamento a cidade de Guimarães, como seu berço, hoje piedosamente mais uma vez commemora.

As minhas relações com Martins Sarmiento datam dos fins de 1879. Foi o meu prezado amigo, e seu primo, o snr. conde de Margaride quem me apresentou a elle, por occasião de umas ferias escolares que eu passava em Guimarães. A primeira vez que lhe fallei, estava Martins Sarmiento á banca, á noite, a trabalhar na primeira edição do seu estudo da *Ora Maritima* de Avieno. A mim prendeu-me immediatamente o modo lhano como me recebeu, tendo elle então já firmados os seus creditos de erudito, e sendo eu nas lettras mero principiante. Recordo-me que logo nessa noite fallámos muito. Depois d'isso não me faltou ensejo de estar com elle, porquanto, durante a epocha da minha formatura no Porto, eu ia a Guimarães frequentemente nas ferias. Com Sarmiento realizei mesmo algumas excursões archeologicas, pelos arredores da sua cidade natal, á Citania de Briteiros, a Soajo. Comquanto eu a esse tempo andasse na febre da colheita das tradições populares portuguezas, e no comêço dos meus estudos philologicos, já sentia bastante inclinação para a archeologia, á qual, por dever dos meus cargos officiaes, e para a execução do plano dos meus trabalhos, tive posteriormente tambem de consagrar-me: o contacto com Martins Sarmiento não afrouxou, de certo, essa inclinação!

Vêem, pois, os leitores que não é sem saudade que venho relêr, para, como disse, as extractar, as cartas, que d'elle possuo, dos primeiros annos das nossas relações.

A par dos seus meritos scientificos, Martins Sarmiento dispunha de meritos litterarios. Escrevia com muita facilidade. As suas cartas, — como em geral todos os seus escriptos, mesmo os mais serios —, participam tambem d'essa simplicidade que caracteriza a linguagem familiar e despreocupada. Sarmiento escrevia pouco mais ou menos como fallava. O que nas cartas se torna um encanto, não direi contudo que por vezes nos escriptos graves não destoe um pouco da natureza do assumpto. Antes de ser archeologo e erudito, Martins Sarmiento foi litterato. Na mocidade escreveu versos e folhetins. Assim em parte se explica que no periodo em que as investigações archeologicas o absorviam, a feição litteraria não desamparasse o investigador. Por isso os extractos que offereço ao público, além dos factos que encerram para o conhecimento da vida scientifica de Martins Sarmiento, proporcionarão aos leitores algum agrado, devido á amenidade da linguagem.

Claro está que deixo de parte tudo o que não contiver interesse immediato. Omitto muitas cartas.

1. De janeiro ou fevereiro de 1880 (Guimarães)

Protecção official á archeologia — A Porca de Murça — *Ars longa*

«Olhe que eu tenho bem presente que em Ancora, onde estou, encontrei, mesmo pelos labregos, mais amor e interesse por estas coisas de que nunca pude imaginar. Se os nossos miseraveis governos dessem alguma importancia ás antiguidades e obrigassem os seus administradores e regedores (bastava isto) a fazer comprehender ao Zé Povo que as antiguidades tinham uma importancia real e verdadeira, juro e até aposto, que o vandalismo que vai acabando com o que póde, cessaria.

«Ha dias me contaram uma [cousa] ¹ curiosa a respeito da «Porca de Murça» ². O animal mostra ainda restos de uma pintura vermelha. Ah! bom! conta a tradição que em certos casos-crimes a mudança da côr da Porca dava signal da innocencia ou da criminalidade do reu. De que tempos deve provir esta tradição, e que figura importantissima não fez a bicha nos seus bons tempos!

«A vinha é enormemente longa, mas os trabalhadores poucos e a falta d'um orgão que vulgarizasse o que se vae descobrindo, mais que sensivel» ³.

2. De 23 de fevereiro de 1880 (Guimarães)

Ethnographia comparada — Antigualhas dos arredores do Porto — Riquezas archeologicas

«Quem folheia o Cameron e o Stanley encontra coisas verdadeiramente surprehendedentes. Não sómente os circulos concentricos, mas motivos ornamentaes ⁴, que passam por caracteristicos da idade de bronze. Lá

¹ [Ponho entre colchetes o que supponho que, por lapso, falta no texto].

² [Figura de pedra, da epocha pre-romana, existente em Murça. Como esta ha outras no Norte de Portugal e em Hespanha].

³ [Os desejos de Sarmiento foram depois preenchidos com a publicação da *Revista Archeologica* (que porém já acabou) e d'*O Archeologo Português* (que vive ainda, e espero que continuará a viver), embora Sarmiento não collaborasse jámais naquella, e só uma vez neste].

⁴ [Com a expressão *circulos concentricos*, Sarmiento tinha na mente certas insculpturas que se encontram nas lages (nos castros, etc.): cfr. o artigo que elle escreveu in *Renascença*, p. 25. Por *motivos ornamentaes* entendam-se os dos objectos archeologicos].

como a coisa se explica é de certo trabalho para os Édippos do futuro, porque por enquanto o que sabemos e nada é tudo um.

«Pelos immedições do Porto não devem faltar estações antigas. Perto da Senhora da Luz (Foz) disse-me o Carlos Ribeiro que um geologo, não me lembra o nome ¹, recolheu uns poucos de *cells* de pedra polida. Na foz do Leça, n'um sitio, chamado Castello, proximo da ponte de Guifões, já eu fiz uma pequena escavação, que não pôde ir longe, pelo muito basto do pinhal que cobre o outeiro ².

«Uma estatística das nossas ruínas sommaria uma conta fabulosa, e isso só se fará pelo esforço individual, porque de resto, nada.

«Eu, logo que venha o bom tempo, pégo no meu pau de *touriste* e marcho á cata de coisas velhas.»

3. De 3 de junho de 1880 (Guimarães)

Estatuas lusitanicas de pedra

«Na Citania não appareceu mais que uma estatua e um baixo relevo ³. A estatua appareceu sem cabeça, mas vê-se claramente que era resultado d'uma mutilação. Em Santa Iria sim; uma cabeça que lá appareceu é avulsa; e penso que com as celebres «estatuas callaicas», com algumas, succedia o mesmo. A que possuo, como sabe, não tem cabeça; a de Vianna provavelmente não foi descabeçada por quem a fabricou, mas já antes a havia perdido ⁴. Em Basto, precisamente na figura que representa «o Basto», fui encontrar outra estatua callaica, pintarolada e falsificada tambem, e, porque a cabeça não tem nada a vêr com o busto primitivo e foi ajustada como pôde ser ao tronco, entendo que não salvou a sua cabeça gallega, mas que a perdeu ha muitos seculos ⁵. Mesmo a cabeça d'um dos porcos ou javalis de Sabroso era avulsa ⁶.»

4. De 18 de junho de 1880 (Guimarães)

Insculpturas antigas feitas em lages

«O numero d'estas figuras parece arbitrario, e a gente fica desorientado. Se n'estas gravuras não se respeita nem no numero d'ellas, nem na disposição, uma tradição vigorosa, estamos perdidos; é querer fazer historia com textos falsificados. Os circulos mais vulgares na Citania são:



Apparecem isoladamente, e ás vezes em grupo. Como lhe disse, só n'uma lage ha 18 , na Citania e Sabroso.

○ em Sabroso, onde tambem n'uma lage se encontra (pouco mais ou menos):

⊙ São vulgares tambem os grupos do que os archeologos francezes chamam *coupules*, outros *fosselles*. São pequenas cavidades, ás 3, 8, 10, 15, etc., com numero certo.

⊙ Quanto á orientação dos circulos, na Citania, como lhe disse, causou-me especie vêl-os só para o lado do nascente, no arco de nordeste a sul. Não pude tirar d'aqui consequencia nenhuma, porque em Sabroso encontrei-os um pouco para noroeste.

¹ [Creio que este geologo será Frederico de Vasconcellos, que publicou um artigo «sur quelques dépôts superficiels du bassin du Douro, présence de l'homme, etc.», in *compte rendu* do congresso de Lisboa em 1880, p. 155, sqq.].

² [Ácerca do castello de Guifões vid. *O Archeologo Português*, iv, p. 270, onde me refiro tambem a Sarmento. Adeante, noutras cartas, veremos mais referencias a estas ruínas].

³ [De ambos se publicaram gravuras in *Renascença*, p. 45-46. Do baixo relevo já falla o contador d'Argote].

⁴ [D'esta estatua se tem fallado muita vez na imprensa: cfr. *O Archeologo Português*, ii, p. 32].

⁵ [Certas figuras antigas que existem em algumas terras são consideradas como symbolos eponymos d'estas terras: ex. em Guimarães, Braga, Lamego. A estatua lusitanica de Basto pertence, segundo vemos, á mesma categoria. É um resto (página) dos antigos genios tutelares das cidades. Os padroeiros representam a christianização dos mesmos genios].

⁶ [Vid. o n.º 2 d'estes extractos].

que lá se hão de encontrar. Também debalde espreitei os rochedos; não descobri signal nenhum; mas isso não admira, porque o matto estava d'uma altura por ahi além, e muitas lages hão de estar occultas pela terra. *Fossettes* (covichas) encontrei eu não poucas no littoral por perto de Boa Nova. A mó de moinho de mão, atafona, que lhe mostrou o moleiro, é também como as da Citania e Sabroso. D'isto apparece em todas as ruinas e o dono do monte do Castello tem em casa pelo menos *um pé* e *uma andadeira* (parte inferior e superior da atafona).

«É para mim de fê que a exploração do monte daria curiosidades; mas v. . . vê que com o pinhal que tem, toda a escavação ha de ser acanhada. Eu desanimei ao terceiro dia.

«Tambem me causou estranheza a singularidade das guardas da ponte; mas disseram-me, e eu creio, que a ponte nada tinha de antiga, e que as guardas eram vazadas, por causa das cheias.

«Quando ahi estive, o nome de *Perafita*, freguezia que não fica muito longe de Leça, obrigou-me a ir lá colher informações sobre um *menhir* que eu sonhava, e de que havia de por força haver ainda tradições. O parcho (Salvador) nada sabia, e remetteu-me para o Cabo do Mundo (*sic*), onde habitava um padre velho d'aquelles sitios. O padre velho também nada sabia, mas indicou-me umas campas abertas em rocha, uma muito curiosa, mas ameaçada pelos montantes que já se acercavam d'ella e que talvez a estas horas já a tenham posto em hastilhas. Fica no *Monte d'ouro* (nome que entendo é o mesmo que Monte d'Or, entre o Lima e o Ancora). Perto d'esta campa ha ainda outra partida (para nascente), perto d'uma leira chamada das *Antinhas*. Tudo isto é expressivo. O Cabo do Mundo fica perto do monumento dos 7:500 bravos, e não em Mindello, senão em Pampelido. Os de Pampelido no seu Cabo do Mundo protestam debalde contra a tolice geographica que lhes tira as glorias, traspassando-as para Mindello, que fica muito longe da memoria.

«No campo de Feijô ha umas aguas ferreas, e o caseiro disse-me ter encontrado n'uma escavação casas redondas, e que por aquelles campos appareciam ás vezes objectos de metal verde (bronze). Também a norte, ou nordeste do Castello, no valle, havia um penedo com um buraco e restos de uma argola, em que d'antes se amarravam os barcos, *porque o mar chegava até alli*. Debalde eu e elle procuramos o penedo. Se tivesse á vista os meus apontamentos, mais lhe poderia dizer; mas ficaram-me em Guimarães.»

9. De 17 de outubro de 1880 (Guimarães)

Ceramica luso-romana de Guifões e Citania

«Só hoje me pude desembaraçar de occupações instantes e procurar os meus apontamentos sobre o Castello (*sic*), para melhor poder responder á sua de 21 de setembro. Não encontrei nada que respigar. Disse-lhe o que sabia e, pelos modos, disse tudo. O tijolo, de que me mandou o desenho, é coisa nova para mim, mórmente se é certo, como diz, que os furos não se correspondem. Na Citania são vulgares os tijolos com um furo, mas este furo vasa-os de lado a lado. O furo é perto d'uma das extremidades e no sentido da sua largura. Coisa identica encontrei eu no Castello, com a differença que o furo era no sentido da sua espessura. Os tijolos da Citania são de diferentes dimensões. A fórma é sempre quadrilonga; mas alguns apparecem que, para um dos lados, são um pouco curvos, sendo porém plausivel que esta fórma é devida ao tempo que lhe foi gastando a argilla.

«A marca de telha também para mim é nova; o que não admira, porque a variedade d'ellas é immensa. Provavelmente é aberta em barro fôco e grosseiro, como todos os que tenho visto. Faz lembrar a seguinte, vulgar na Citania  ¹.

«Se alguns fragmentos de vasilhas que recolheu têm ornamentação, guarde-os bem. Essa especie tem valor. Alguns trouxe eu do Castello, bem poucos, que encontrei nas escavações. Soltos não encontrei nenhum.»

¹ [O desenho do tijolo furado (peso) e do tijolo com a marca sahiram n-*O Arch. Port.*, iv, estampa junta á pag. 272].

10. De 29 de março de 1881 (Guimarães)

Gravuras em dolmens — Superstições agricolas do Minho

«A respeito das gravuras em dolmens, ainda as não encontrei, mas creio firmemente que as ha de haver entre nós. O Argote falla d'uma construcção que apparecera em Espozende e já em pantana no seu tempo. Segundo lh'a pintam as informações que lhe deram, aquillo só podia ser um dolmen. As paredes por dentro estavam cheias de arabescos — diz elle. Já mandei perguntar por isto em Espozende, mas ninguem sabe de nada. É possível porém que as pedras ainda existam, e por este e outros motivos, logo que possa, vou passar revista áquella localidade e examinar o littoral de Espozende até o rio Neiva, onde me deram já noticias de alguns dolmens.

«A proposito dos jugos dos bois ¹ ha um facto, que não perde nada em saber, se é que o não sabe já. Os bois nunca trazem jugo senão em serviço. Imagine o meu amigo que um lavrador mandava o seu carro com os competentes bois e creado levar o quer que seja a qualquer sitio. O carro tinha de ficar n'esse tal sitio, e os bois de voltar com o jugo. O creado pegará no jugo e tral-o-ha ás costas e não virá sobre o cachaço dos bois. Se o creado tal fizesse, o mais provavel era ser despedido. Sabe tambem a importancia que tem a «bosta» de boi. É com ella que se calafetam as fendas da porta do forno. D'antes, quando se pediam brazas de lume a qualquer visinho, o visinho punha sobre o testro, em que depositava a braza, um bocado de bosta de boi que tivesse já servido para barrar a porta do forno — «para que o seu lume se não apagassem» como tinha succedido ao do visinho.»

11. De 22 de agosto de 1881 (Ancora)

Tradições populares da Serra da Estrella

Martins Sarmiento fez parte da expedição que a Sociedade de Geographia enviou em 1881 á Serra da Estrella; elle era o presidente da secção de archeologia. Tendo-lhe eu pedido informações ácerca da ethnographia e linguagem da Serra, Sarmiento escreveu-me a seguinte carta, que, por ser muito interessante, publico na integra:

«Ancora, 22 de agosto de 1881.

«Meu amigo. — Em Ancora encontrei dois numeros do *Pantheon* ², que agradeço, e hoje mesmo recebi a sua carta, que me procurou pela Serra. Se lá fosse, soffreria de certo o desapontamento que eu soffri. Na Serra propriamente dita não ha antiguidades, nem as póde haver: a montanha é inhabitavel uma parte do anno. A coisa é feia e triste; grandes massas de penedias com alguns *covões* (pequenissimos valles), e *naves* (valles um pouco maiores), onde verdeja o *sevúm* (especie de feno miudo), e que contrasta com a esterilidade do mais. Além do *sevúm*, algum *ximbro* (junipero) e urze. Nem uma arvore. Sendo a Serra larguissima, os rebanhos só podem subir para o alto, depois do S. João, para não estragarem os... pastos. Já vê que mesmo a abundancia de pastos não é grande. Ha mais pedras que verdura. Quanto aos nomadas... não vi. Os pastores habitam nas povoações do sopé da Serra, alguns já na planicie, e, a crêr o nosso guia, quasi todos têm grandes relações com o Alemtejo, aonde vão frequentes vezes. O que elles fazem de melhor

¹ [Esta noticia relaciona-se com o meu *Ensaio ethnographico a proposito da ornamentação dos jugos e cangas*, etc., que publiquei no Porto em 1881, e dediquei a Sarmiento].

² [Refere-se Sarmiento a um jornal que publiquei com este titulo no Porto, em companhia de Mont'Alverne de Sequeira].

é assaltar a gente, pedindo-lhe cigarros. O seu traje nada tem de singular. Por cima das calças de saragoça trazem uns calções de pelles, que chamam safões, e no rigor do frio usam também uma capa de pelles de ovelha.

«A linguagem não é também muito diferente da das outras provincias. Para apanhar um *junguido* (por jungido), uma *loiva* (noiva), é preciso conversar algumas horas, sem encontrar novidade.

«A lagoa escura tem algumas tradições confusas. Ha lá um palacio, onde se guarda a capa d'um rei, coberta de diamantes. Para fazer a capa foi preciso vender sete cidades. Para se entrar no palacio é preciso fazer atravessar a lagoa a uma cabra preta, e esperar que o sol esteja a pino, para dar n'uma figa, por onde ha a unica entrada. Um tal, depois de recitar as treze palavras («Dize-me, amigo Custodio», etc.) entrou, mas nunca mais sahio.

«Aqui está o que ha de mais fino sobre as lagoas.

«A lenga-lenga do nevoeiro varia das conhecidas, menos em ser uma restea de despauterios:

Neboa, neboeiro,
 Vai p'r'atraz d'aquelle oiteiro,
 Que lá anda João Cabreiro
 Com as calças queimadas.
 Quem lh'as queimou foi o fogo.
 O fogo anda na mata,
 Que a mata deu a cabra,
 E a cabra deu o leite,
 E o leite é p'r'ás velhas,
 E as velhas dão o milho,
 E o milho come-o a gallinha,
 A gallinha põe ovos,
 E os ovos come-os o cura,
 E o cura diz a missa
 Atraz d'aquella arrabiça.

A' lua-nova:

Deus te salve, lua nova,
 Que me livres de tres males:
 Primeiro de dôr de dentes,
 Segundo de fogos ardentes,
 Terceiro de linguas de má gente,
 E do inferno principalmente.

«Conhece-se também uma ponte feita pelos Galhardos (diabos). Havia de ser feita antes que o gallo cantasse. Quando cantou o primeiro gallo, a ponte estava ainda incompleta, e um dos Galhardos disse: «Vamos, que já cantou o gallo. — Foi o gallo pardo, objectou outro. Não, foi o gallo preto romano.» A ponte fica entre Teixoso e Caría.

«Tradições de mouras e «de haveres» enterrados são raras na Serra, mas pelos arredores não faltam. No Sabugueiro, margem do Alva (nas faldas da Serra, senão ainda na Serra), um rapaz viu sobre um penedo uns figos seccos. Ia a lançar-lhes a mão, quando ouviu uma voz gritar-lhe: Schit! Schit! deixa isso. A voz continuou porém dizendo, que lhe dava os figos, se o rapaz lhe dêsse os safões ou o cão. Mas o rapaz desatou a fugir, tendo tempo de vêr que a coisa que fallava era metade cobra. Sabe-se também que, dando-se um beijo na cobra, esta quebra o encanto.

«Em Torrosello, já na planicie, ha outras tradições de mouras, e em S. Romão. Todas conhecidas. Em

S. Tiago idem. Ahi ouvi sobre a construcção d'essa ponte uma particularidade curiosa: a mãe do diabo, fiando n'uma roca, trazia as pedras á cabeça para a construcção da ponte. Novidade não encontrei nenhuma.

« Amuletos nada. É verdade que lidei pouco com os pastores. Na Serra apanhei uma parte d'um celt, que me pareceu pelo brilho do poído ser perdido ha pouco tempo. O meu guia, porém, não conhecia celt, nem pedras de raio. Aqui está á pressa o que póde interessar-lhe. Em torno da Serra ha antiguidades aos montes; mas, havendo estradas de mac-dam, não ha carros. É preciso andar a cavallo ou a pé, e perder o melhor do dia em caminhos massadores. Hei de tornar lá, mas com outras commodidades ¹.

De v. ...
venerador e obrigado

F. Martins Sarmiento ².»

12. De dezembro de 1881 (Guimarães)

O deus Durbedico — Outras antigualhas

« Apresento-lhe um deus, até hoje desconhecido, do Pantheon dos nossos antepassados. É o deus DVRBEDICVS. Este pobre diabo de deus estava dentro da torre da igreja de Ronfe, n'uma pedra que entrava na parede da dita torre, e que felizmente ficou com as letras para fóra. Foi um puro acaso que me fez descobrir a inscripção, que se póde dizer completa ³.

« N'esse dia tinha eu de ir um pouco mais longe vêr uma exquisita construcção da época romana, que um lavrador descobriu n'um campo seu, e que só será menos mal conhecida, quando se proceder a uma escavação em fórma, — o que só póde fazer-se, quando vier o tempo sêcco.

« Indicaram-me mais umas antigualhas. Antigualhas não faltam. O que falta é tempo para as vêr, e pernas para as explorar.

« Na Citania tambem as chuvas se encarregaram de pôr a descoberto uma moeda de prata (romana) bem conservada.»

13. De 20 de março de 1882 (Guimarães)

Sepultura prehistorica do Marco de Canaveses — O castro do Freixo — Outras antiguidades

« Guimarães — Março, 1882.

« Meu amigo. — Cheguei hontem de Canaveses, para onde fui ainda meio constipado, e d'onde voltei na mesma.

« A tal sepultura que lá me chamava pouco deu, a não ser o desgosto de a não ter explorado ha quatorze annos. Segundo affirmou o primeiro explorador (um homem que faz telhas) e que veio depôr em juizo, ha quatorze annos, andando elle em busca de terra secca para as suas telhas, e vendo-a por baixo do grande penedo, começou a encher e a levar cestos de terra para o telheiro que lhe não ficava longe, e eis senão quando começa a desenterrar ossos e caveiras. As caveiras eram oito, uma muito pequena e muito branca, que se desfez

¹ [Infelizmente, Sarmiento não chegou a realizar este desejo].

² [A maior parte dos factos contidos nesta carta foram já por mim publicados em 1881 no artigo intitulado « Tradições populares da Serra da Estrella », in *Justiça Portuguesa*, n.ºs 112 e 115. — Martins Sarmiento publicou em 1883 um *Relatorio da secção de archeologia da expedição*].

³ [A inscripção foi publicada na integra pelo proprio Sarmiento, in *Revista Lusitana*, 1, p. 236].

em pó, logo que foi exposta ao ar. Os craneos andavam aos pontapés e hoje ninguem sabe d'elles. Decidiram os espertos do logar que as ossadas eram de gente assassinada por um estalajadeiro que morava a meia legua do penedo, etc. A ultima exploração pouco deu e pouco podia dar, porque a grande fresta do penedo já não tinha terra quasi nenhuma. Total dos objectos encontrados: dois machados de diorite excellentemente afiados; duas facas de silex; duas pontas de setta idem, uma d'ellas sem ponta; e uma goiva tambem de pedra. Um unico caco muito grosseiro. Que quantidade de armas de pedra não deitariam fóra os lorpas!

«Mas velharias não faltam por alli. Quizesse ou podesse eu demorar-me! A um quarto de legua do Marco fica o logar do Freixo no topo d'um monte, que foi uma Citania. Além d'uma inscripção, de que eu já tinha conhecimento, encontrei outra n'uma pequena ara e que me embaçou. Diz:



«Na primeira linha falta-lhe só uma letra, decerto um G. Mas atraz de ONCO que diabo de letra se póde pôr? A terceira linha é quasi illegivel ¹. Trouxe de lá duas vasilhas inteiras, uma alampada; e, segundo me affirmaram, tem por alli apparecido muitas curiosidades e continuam a apparecer todos os dias. Felizmente tenho certeza que me virá parar á mão tudo o que d'ora ávante se desenterrar. Mais longe ha mais dois ou tres castros, uma inscripção, cuja copia me prometteram, etc., etc.

«A pena é não ter a gente botas de sete leguas.

«Remetto o terceiro artigo e ultimo. Se acharem que é muito comprido, que o cortem á sua vontade ².»

14. De 24 de março de 1882 (Guimarães)

These defendida por Martins Sarmento, segundo a qual os Celtas são de raça germanica
O *Genius* do Freixo — Penedos dos casamentos

«Então eu disse-lhe que a parte do artigo que mandei para a *Revista Scientifica* era a ultima? Se disse, é que me ficou no tinteiro alguma coisa. O que eu tinha na mente é que, além do que foi, havia de mandar uma quarta e *ultima*. Mas parece-me que tambem isto não se verificará; porque, andando a passar a limpo o resto do artigo, desconfio muito que elle ainda não póde ir d'uma só vez. E no emtanto eu tenho-o encolhido o que posso. A ultima parte necessitava de maior desenvolvimento, porque é de saber eu resuscito a these que se diz desacreditada e que estabelece que os celtas são de raça germanica. Para mim isto é um ponto de fé.

«Deixemos os celtas em paz.

«O *genio* do Freixo é mais esdruxulo do que suppõe. A segunda linha é bastante clara para não admittir um genitivo, uma ligação com a terceira. O gravador parece mesmo que quiz prevenir esta objecção; começou o primeiro e segundo nome na aresta esquerda (do espectador), de sorte que, como os dois nomes são curtos, entre a ultima letra de cada um d'elles e a aresta direita da ara fica um espaço em vão onde podiam caber quatro letras á vontade. Conto apanhar a pedra e photographal-a.

¹ [Esta inscripção foi tambem publicada na integra por elle in *Rev. Lusit.*, I, p. 237. Cfr. *C. J. L.*, II, 5564].

² [Este artigo era destinado á *Revista Scientifica* do Porto. Vid. tambem o extracto n.º 14].

« Amanhã mando-lhe os numeros do *Pero Gallego*, que fallam do Suajo. Vem lá duas costumeiras, de que lhe fallei já, creio eu. Uma é um Penedo dos casamentos. No Marco, encontrei noticia d'outro. Fica na freguezia de Soalhães e chama-se Penedo «Cardil». Ha aqui uma novidade, que talvez contenha a farinha pura da tradição. Eu sempre embirrei com a facilidade que ha de atirar com uma pedra acima d'um penedo. O oraculo deve sempre responder affirmativamente. No «Cardil» a coisa é mais difficil; a pedra ha de ser atirada com o pé ¹. »

15. De 22 de junho de 1882 (Briteiros)

Ainda o *Genius* da inscripção do Freixo

« Apanhei a ara da inscripção do Freixo. Não diz como eu li da primeira vez gENIO | ONCO. Diz, se me não engano, porque algumas letras estão bastante safadas: gENIO | ONCOBRI | CENSIVM. A inscripção contém alguma coisa mais; mas o que é que se não póde perceber. É possível que antes do O da segunda linha houvesse uma outra letra; mas ha aqui com certeza um ethnico: (*oncobriga ... -ica*) *oncobricenses*. A maior duvida está na ligadura BJ, e talvez no final VM. Mas penso que a leitura que dou é correcta. Mandeí uma photographia da ara ao Hübner; mas, se mesmo em face do original, a leitura é só para olhos de lynce, pouco espero do exame d'uma photographia. »

16. Sem data: verão de 1882 (Briteiros)

Mamôas do Minho — Antiquidades da Citania: fibula de bronze; aqueducto

« Por aqui a fortuna na pesca de trutas e de antiguidades regula: pouca coisa. Umhas seis mamôas que fui estripar lá para Pedralva não deram nada. Um padre que m'as descobriu, foi-me mostrar mais sete, a menos de meia legua do Bom Jesus do Monte; mas estão todas arruinadas e saqueadas.

« A Citania tem dado alguns objectos de bronze, mas só uma fibula de bronze que apresente novidade. A descoberta mais importante é a da continuação d'um aqueducto, que foi posto a descoberto o anno passado, suppondo-se que findaria onde parou a escavação. Nada. Vê-se agora que segue n'uma extensão consideravel. Encontrou-se o deposito, aonde ia parar a agua, coisa muito tosca, mas que tem de notavel ter ainda hoje representantes, e tanto em Briteiros, como em outros pontos, com o nome de Fontes. Enchido o deposito, a agua continuava a correr e vamos ainda atraz de novo aqueducto, que ninguem sabe ainda aonde irá parar. O aqueducto consiste em caleiras de pedra soffrivelmente bem trabalhadas. Infelizmente foi impossivel dar com o sitio da antiga nascente d'agua. »

17. De 4 de maio de 1883 (Guimarães)

Citania — Cidade — Cidadelhe

« Folgaria particularmente que chegasse á descoberta da etymologia da *Citania*. Os nossos auctores escrevem sempre *Citania*; o povo, pelo menos em Briteiros, diz *Citaina*. . . . ² As Citanias que eu conheço entre nós, *de visu*, são: a de Briteiros, a de Paços de Ferreira (a tal com S) e da Sáia, e por tradição certa, a de Baião. A de Galliza é em S. Torquato não sei de quê. Falla n'ella o Bermudez, que não tenho agora á

¹ [Cfr. as minhas *Trad. pop. de Portugal*, §. 200, onde tambem tenho uma referencia a Sarmento].

² [D'esta etymologia me occupei, por exemplo, in *Revista Lusitana*, III, p. 34].

mão. Só um escriptor latino, que eu saiba, V. Maximo, falla d'uma *Cinninia* (com variantes, parece) na Lusitania, mas a applicação d'este nome á Citania é uma pura arbitrariedade.

«*Cividades* conheço talvez uma duzia. A mais notavel que tenho visto é a de Ancora (mesmo typo que a Citania). Perto de Caminha ha uma bouça, cheia de cacos e outras velharias, com o mesmo nome; e em Joanne (concelho de Guimarães) um logarejo ainda com o mesmo nome.

«*Cidadelhes* não conheço nenhuma, a não ser por informação; mas, pelo que tenho ouvido, a differença entre os castros, citanias e cidadelhes materialmente é nenhuma ¹.»

18. De 16 de agosto de 1883 (Povoa)

Cividades e castros — Outras antigualhas

«No raio de legua e meia tenho farejado tudo o que me pareceu digno de ser farejado. Em Tarroso ha uma cidade; mas os vestigios de povoação antiga foram-se. A povoação primitiva desceu, como de costume, para uma das vertentes do monte, onde a cada passo se encontram fragmentos de telha romana; mas, como a agricultura tomou conta d'estes terrenos, imagine o que será isto.

«Ha outra cidade em Bagunte e que tenciono ir vêr um d'estes dias. Dizem-me que ahi ha vestigios mais bem conservados que na de Tarroso.

«Ha tambem dois castros — um em Nabaes que já vi — um outeiro pequeno com vestigios que pres-tem, e ao pé a «Fonte do Castro», notavel por ser de abobada e, segundo creio, muito antiga. O outro castro é em direcção opposta, para os lados do Mindello. Ainda o não vi.

«Ninguem me dá noticia de mamôas. Penedos com *fossettes* tenho encontrado alguns. Ás leguas que tenho andado merecia ter feito melhores descobertas; mas pôde ser que as faça ainda.»

19. De 19 de setembro de 1883 (Povoa)

Sepulturas abertas em rocha — Castros — Mamôas — Etymologia popular — Ditado — Antigualhas diversas

«Para mim as sepulturas em rocha já pertencem ao periodo post-romano, ou pelo menos no periodo de transição para o christianismo; para o Filippe Simões ellas são pre-romanas.

«Eu tambem por aqui não tenho sido infeliz. Vi o monte de S. Felix (Laúndos — Lá úm dos (d'Amorim), na etymologia popular) do typo da Citania, com cinco mamóinhas em volta, todas estripadas, é claro; — a Cidade de Tarroso, a de Bagunte, ambas da raça da de Laundos; o *Crasto* de Santo Ovidio, em Vairão; o *Crasto* de Macieira da Maia; o *Crasto* da Retorta (freguezia do mesmo nome); o *Crasto* de Santo Agões (*sic*), onde ha «doze moradores e treze ladrões», sendo o treze o parochó ²; duas formidaveis mamôas, que de certo cobriram antas em Tongues; outra ainda maior no Fulão (freguezia de S. Simão da Junqueira), e ao pé outra mais pequena; e ainda tenho mais alguma coisa a vêr, se a chuva se dignar deixar-nos. As «pedras de raio» tambem por cá não são raras. Já apanhei seis, uma d'um bello typo e uma goiva de pedra. Ando com esperanças de vêr, pelo menos, umas pontas de setta e uma «pedra exquisita», achadas n'essa mamôa de Tongues, e com maior esperança ainda de explorar uma mamóinha virgem proximo de Cavalleiros. Felizmente não tenho de ficar por tabernas ³; mas as distancias são grandes e excellentes para estafarem

¹ [Cfr. sobre o assunto *Rev. de Guimarães*, I, p. 177].

² [Cfr. tradições analogas in *Revista Lusitana*, IV, p. 187].

³ [Ha aqui uma allusão a uma carta minha em que eu lhe dizia que, numa excursão que tinha feito em Traz-os-Montes, eu dormira uma noite numa taberna, por falta de hospedaria].

as pernas, e para vêr o que tenho visto tem sido necessario fazer eu mesmo o interrogatorio pelas aldeias que percorro, porque nem os ciceronios d'aqui, nem os de Villa do Conde sabem do que têm nos seus concelhos.»

20. De 8 de outubro de 1883 (Guimarães)

Esculpturas antigas de Baião

«Guimarães, 8 de outubro de 1883.

«Meu amigo. — Julguei que o encontrava aqui na minha volta da Povoia; mas, como se vê, desencontamo-nos. Estimava bem ouvil-o sobre a sua digressão; mas, já que não pôde ser, mande-me dizer, quando estiver para isso, que nomes têm as localidades de Baião, onde achou a estatua gallega ou lusitana e o quadrupede ambiguo.

«Para a primavera que vem tenho tenção de ir dar uma volta por Baião com um apparelho photographico que me permite trazer a cópia fiel dos dois mônos e de outros que por lá haja. Agora vou vêr se assento e se dou cabo d'um estudo ácerca dos *Argonautas*, com que ando ha muito e que vae ficando para as kalendas gregas.

Seu amigo e obrigado

F. Martins Sarmiento.»

21. De 15 de outubro de 1883 (Guimarães)

Ainda as esculpturas de Baião

«Agradeço as novas noticias sobre as velharias de Baião. Como lá tenho o Eduardo, primo, com a vara de juiz na mão, vou vêr se elle me arranja os dois monstrosinhos.»

22. De 8 de dezembro de 1883 (Guimarães)

Novamente as esculpturas de Baião

«Ha uns poucos de dias que ando para escrever-lhe, dando-lhe parte de que já tenho em casa os dois mostrengos de Baião. Incumbi de m'os arranjar o juiz da terra, que é o Eduardo Martins, meu primo, e a coisa fez-se n'um sópro. Pena é que não possa descobrir-se a parte superior da estatua, porque, salvo o erro, ella é mais importante do que parece. Já no seu desenho o que parecia fibula e ponta de cordão de crina, era para mim coisa suspeita. Com o exame do original, o que me pareceu bastante claro é que a *ponta do cordão* é a extremidade do quer que seja e que em logar da fibula acima da tal ponta ha uma mão que segurava o tal quer que seja. Como a extremidade da coisa tem a fórma d'um corno, pensei logo que a figura segurava com a mão esquerda uma cornucopia. A verdade sabe-a a terra, onde a outra metade da estatua deve estar enterrada. Hei de fazer o possivel por que ella appareça, mas as esperanças de a encontrar não são grandes.»

*

* *

Sarmento ia-me assim contando successivamente os seus prazeres archeologicos: noticias que lhe vinham, passeios que dava, descobrimentos que fazia. Como fruto eloquente de todo o seu afan, ahi estão os numerosos artigos e memorias que trouxe a lume, a restituição da Citania e de Sabroso, e o rico e valioso Museu de Guimarães, que, com a collaboração de dedicados amigos e conterraneos, teve a gloria de organizar.

Oxalá que o exemplo que elle legou aos vimaranenses lhes esteja, como é de esperar, sempre presente, e que a seára que o infatigavel archeologo semeou, não só não fique perdida, mas, pelo contrario, se melhore e augmente de dia para dia!

Lisboa, 14 de dezembro de 1899.

J. Leite de Vasconcellos.

